

MEU LUGAR NO MUNDO



Sulamy Katy

Ilustrações: Fernando Vilela

MANUAL DO PROFESSOR

Ter tempo e espaço adequados na escola para realizar leituras literárias é imprescindível; infelizmente isso é comum apenas na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Na medida em que os alunos dominam a escrita, grande parte dos professores acredita que não é mais necessário ler com os alunos ou mesmo permitir que leiam autonomamente no espaço escolar. É frequente o professor pedir que o aluno leia em casa o livro literário sem haver qualquer tipo de mediação ou preparação dessa leitura. É claro que os alunos podem e devem levar livros para casa, mas também é necessário abrir espaço dentro do horário escolar para ler livros literários.

Conversar sobre a obra, propor debates sobre os temas que ela problematiza, desenvolver projetos relacionados à leitura e estudar o contexto de produção e recepção são algumas das funções das aulas de Literatura, que de modo algum podem substituir a leitura. É imprescindível que haja tempo em aula para fruir os textos literários, para que os alunos aprendam a ler literatura.

A formação do leitor literário não se esgota nos anos iniciais da escolarização, pois precisa ser contínua e dialogar com as mudanças pelas quais as crianças passam. Nas aulas do Ensino Fundamental, os professores devem consolidar comportamentos de leitura criados anteriormente. Para que isso ocorra, é essencial que os alunos tenham acesso aos livros, que haja tempo para a leitura e para a fruição em aula e que a seleção das obras leve em conta os interesses e a identificação dos alunos. Também é muito importante preparar o espaço em que a leitura ocorrerá.

Uma boa mediação de leitura em sala de aula é indispensável para a formação de leitores literários. Nesse percurso, é fundamental a figura de um mediador que conheça a obra a fundo e que conheça bem os alunos que irão lê-la. Mediar é estar entre, é intermediar, é ser um elo entre dois lados: de um lado, os alunos; de outro, a obra literária. Para ajudar um a chegar ao outro, o professor deve favorecer esse encontro, preparar o espaço e o tempo necessários para que a relação se estabeleça.

Considere-se que a função da literatura não é informar e ensinar; um dos seus papéis principais é a elaboração da subjetividade e das relações interpessoais. Por meio da literatura, é possível conhecer o outro – outras culturas, outros valores, outras maneiras de ver o mundo – e a si mesmo – suas emoções, sonhos, desejos, fragilidades, etc.

Vale ressaltar que a obra **Meu lugar no mundo** se adapta perfeitamente às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em especial às seguintes Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental:

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.

[...]

4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. [...]

BNCC, p. 63.

A leitura da obra abre um canal de comunicação com a cultura do povo Potiguara, na medida em que traz saberes, crenças, visões de mundo e narrativas desse povo aos nativos de outras comunidades. Além disso, é um convite para que as crianças não indígenas aprendam com as indígenas, compreendendo melhor os modos de vida que são apresentados na obra.

Em consonância com a BNCC, no componente Língua Portuguesa, a obra pode ser trabalhada tanto no Campo de atuação da vida cotidiana quanto no Campo artístico-literário, podendo também oferecer subsídio para o trabalho no Campo das práticas de estudo e pesquisa, a depender dos procedimentos, práticas e atividades explorados pelo professor.

ANTES DE LER O LIVRO

Meu lugar no mundo é um livro autobiográfico. A autora, Sulamy Katy, nativa do povo Potiguara, relata suas experiências na comunidade em que nasceu, na cidade para a qual se mudou para estudar e na gigantesca cidade de São Paulo, onde viveu por algum tempo para divulgar a cultura de seu povo. Por meio da leitura, é possível conhecer como o povo Potiguara vê os não indígenas, como se sentem entre as pessoas da cidade e o que é ser nativo de uma comunidade indígena nos dias de hoje. Com ilustrações do consagrado Fernando Vilela – feitas por meio de xilogravura –, e participação de Daniel Munduruku e Heloisa Prieto, a obra é repleta de segredos e conhecimentos ancestrais potiguaras.

Sulamy Katy nasceu em uma aldeia indígena na cidade de Baía de Traição, no estado da Paraíba. Ainda criança, muda-se para Campina Grande, também na Paraíba, onde passa a frequentar a escola, voltando aos finais de semana (e nas férias) para a comunidade. Já adulta, vive um tempo na cidade de São Paulo, divulgando a cultura de seu povo. Seu olhar é o de alguém que chega à cidade grande e tem muita dificuldade de compreendê-la, pois a relação que manteve com a natureza, com o tempo e com os outros seres humanos na comunidade é muito distinta das relações que ela percebe no ambiente da metrópole. **Meu lugar no mundo** é, assim, uma obra que pode ampliar o repertório cultural e humano dos alunos, especialmente dos que vivem nas grandes cidades, na medida em que traz um relato de uma pessoa com uma vivência muito diferente das de seus familiares, amigos, colegas, etc.

Por trazer o relato de episódios de uma vida, o livro enquadra-se no gênero literário relato de experiência. São relatadas experiências de vida na comunidade indígena, quando pequena, outras durante o período escolar, em Campina Grande, até a chegada à cidade de São Paulo, enquanto Sulamy cumpria a missão de divulgar a cultura e a sabedoria do povo Potiguara a fim de contribuir para a compreensão e para a paz entre todos os povos.

Escrita por uma autora indígena que transita entre os dois mundos, em relação ao tema, a obra se enquadra em “Encontros com a diferença”, propiciando ao leitor o reconhecimento de concepções de mundo, de harmonia, de vida, morte, casamento, etc. a partir do ponto de vista de uma nativa de uma comunidade indígena.

A linguagem clara e direta, organizada em períodos curtos e próxima da oralidade – características do relato –, as ilustrações entremeadas ao texto e um enredo envolvente, permeado de descobertas e aventuras, fazem de **Meu lugar no mundo** uma obra extremamente aprazível e adequada a leitores da categoria 5, ou seja, para alunos do 4º e 5º anos.

Motivação para a leitura/escuta

1. Pergunte aos alunos, antes mesmo de terem o livro em mãos: “O que o título **Meu lugar no mundo** nos permite inferir a respeito da obra?”. Peça a alguns alunos voluntários que façam um breve relato oral com este mote: “Meu lugar no mundo”. As perguntas a seguir podem guiar o relato:

- “Qual é seu lugar no mundo? Por quê?”
- “O que faz com que esse lugar seja tão especial para você?”
- “Por que você se sente pertencente a esse lugar?”
- “O que ele desperta em você?”
- “Como se sente quando está nesse lugar?”

Permita que os alunos expressem livremente suas ideias. É esperado que relatem como “lugares de pertencimento” aqueles aos quais sejam vinculados afetivamente, com sentimentos de proteção, conhecimento, conexão, liberdade, por exemplo.

2. Já com o livro em mãos, peça a dois alunos voluntários que leiam o texto da quarta capa. Pergunte:
 - “Vocês conhecem os Potiguaras ou já ouviram falar sobre esse povo?”
 - “O que sabem sobre eles?”
 - “Conhecem ou já ouviram falar sobre outros povos indígenas?”
 - “Alguém já visitou uma comunidade indígena?”
 - “Vocês sabiam que somos contemporâneos a diversos povos indígenas?”
 - “Como será o livro que vamos ler?”
 - “Que histórias ele vai contar?”
3. Em seguida, peça que voltem à capa e verifiquem o nome do ilustrador. Pergunte: “Alguém o conhece? Alguém já leu um livro escrito e/ou ilustrado por Fernando Vilela? Qual? Como é esse livro?”.
4. Por último, leiam as biografias da página 63 e pergunte: “Alguém já tinha ouvido falar de Daniel Munduruku ou de Heloisa Prieto? Conhecem um livro escrito por algum deles? Qual? Como é esse livro?”. Pergunte ainda: “Após a leitura dessas biografias, o que vocês esperam que será contado no livro **Meu lugar no mundo?**”.
5. Peça aos alunos que registrem as respostas no caderno, para que sejam consultadas e conferidas posteriormente.

DURANTE A LEITURA

1. Antes de começar a leitura literária, é interessante preparar o ambiente. Organize as carteiras de outra maneira: você pode tirar as carteiras e deixar apenas as cadeiras; propor, se for possível, que todos se sentem no chão ou ler fora da sala de aula. Pode ser na biblioteca escolar, no pátio, ou em outro espaço que você considere agradável. A ideia é criar uma espécie de ritual, a fim de que os alunos associem o momento da leitura literária a algo prazeroso, quebrando a rotina das outras atividades escolares. Assim, sempre que forem ler a obra, vocês podem se encaminhar para o mesmo espaço ou se organizarem da mesma forma.

2. Uma sugestão é fazer a leitura da obra de duas maneiras: em parte, compartilhada, em parte, autônoma. Você pode começar lendo o primeiro capítulo (“Conversa de sonho”) com a turma. Durante a leitura, proponha pausas para conversar sobre o que foi lido. Pergunte:

- “Quem está relatando as experiências?”
- “Onde estão os personagens? O que eles estão fazendo?”

Peça que observem as relações entre as ilustrações e o texto verbal. Proponha também pausas quando tiverem dúvidas ou quiserem comentar algum trecho, com cuidado para não perderem a fluidez da leitura, necessária para a fruição da obra literária.

3. Quando estiver lendo em voz alta, peça que acompanhem com os olhos ou, se necessário, com o auxílio dos dedos ou de uma régua. Caso algum momento importante da narrativa – um trecho de encadeamento de fatos importantes, por exemplo – seja interrompido, retome a leitura e volte algumas frases para recuperar o ritmo. Esse procedimento também é importante ao retomar a leitura no intervalo de um dia para o outro. Volte no relato para situar os leitores. Ensine esses passos aos alunos, mostrando a eles que, quando forem ler sozinhos, podem utilizar os mesmos procedimentos.

DEPOIS DA LEITURA

O texto e o contexto

1. Após a leitura completa do livro, peça aos alunos que retomem as anotações do caderno e releiam os registros iniciais. Pergunte:
 - “Vocês gostariam de mudar as respostas feitas anteriormente? Quais?”
 - “A obra surpreendeu vocês? Em quais aspectos?”
 - “De que parte do livro mais gostaram? Por quê?”
2. Em seguida, releiam juntos as páginas 60 e 61, com o texto informativo “Nosso lugar no mundo”, escrito por Daniel Munduruku. Pergunte:
 - “O nome do livro é **Meu lugar no mundo**. Por que Daniel Munduruku chamou esse texto final de ‘Nosso lugar no mundo’?”
 - “O que ele e Sulamy têm em comum?”
 - “E o que você tem em comum com esses autores?”
3. Ouça as respostas com atenção, permitindo que todos expressem sua opinião. Depois pergunte:
 - O que os lugares escolhidos por vocês têm em comum com o “lugar do mundo” de Sulamy e Munduruku? O que esses lugares têm de diferente?

Anote na lousa as respostas dos alunos. Depois, pergunte: "Esse livro mudou as ideias que vocês tinham sobre os povos indígenas? O que vocês podem concluir sobre o pensamento dos povos indígenas a partir do trecho da página 60?"

O mais importante, acreditamos, é buscar manter o que diferencia a sociedade indígena, o seu maior valor: o sentido de pertencimento a um universo que não tem e nem terá dono, a ideia de que todos fazemos parte de uma grande teia que se forma no invisível e a certeza de que acreditar no valor da tradição é o caminho para manter o equilíbrio de qualquer sociedade.

Interpretação do texto

1. Releia o início do livro com os alunos e, então, pergunte:

- "O que vocês costumam sonhar? Quais foram seus sonhos mais agradáveis?"
- "Quais foram seus piores pesadelos? O que fazem quando têm um sonho ruim?"
- "O que sentem quando acordam? Costumam contar para alguém? Para quem?"
- "É importante conversar sobre os sonhos? Por quê?"
- "No que os sonhos são diferentes da realidade? No que os sonhos conversam com a nossa vida?"

Peça, então, que cada um desenhe um sonho que o tenha impactado.

2. Pergunte, ainda:

- "Como os filmes representam os momentos de sonho?"
- "Como posso, em um desenho, apontar que estou retratando um universo de sonhos?"

Peça aos alunos que acrescentem aos desenhos elementos que permitam ao observador perceber que são retratos de sonhos.

3. Releia a fala dos mais velhos dos indígenas no conto narrado por Sulamy para seu irmão:

— Nós podemos andar pelo mundo inteiro, mas, querendo ou não, sempre precisamos retornar a nossas raízes. E, se algum de vocês sair daqui e for infeliz, volte para receber nossos cuidados e nossa sabedoria. (p. 12)

Depois, pergunte:

- "O que são raízes? O que significa 'voltar às raízes'?"
- "Quais são as suas raízes? Você costuma voltar às suas raízes?"
- "Também acha que isso é importante? Por quê?"

Deixe que cada um fale livremente sobre seu entendimento a respeito das raízes, da ancestralidade, das tradições, da família. Pergunte em seguida:

- “Por que o homem mais idoso do grupo é ouvido com tanta atenção? O que ele tem que os outros não têm? Por quê?”
 - “Quem é a pessoa mais velha de sua família? Ela também é ouvida com atenção? Por quê? O que vocês pensam sobre isso?”
4. Releia para os alunos as páginas 36 e 37 do livro. Em seguida, pergunte:
- “Sulamy e sua amiga Suriá foram discriminadas na escola por serem índias. Como elas se sentiram?”
 - “Você já viveu algo assim ou presenciou uma pessoa sofrendo discriminação?”
 - “Como você se sentiu? Como ela se sentiu? O que devemos fazer em situações como essa?”
5. Dê espaço para que os alunos exponham a opinião deles a respeito da discriminação e dos preconceitos. Procure destacar as falas em que os alunos descrevem como se sentiram ao viver ou presenciar alguma discriminação. Pergunte: “O que leva uma pessoa a discriminar outra? Por que algumas pessoas agem assim?”. Permita que eles expressem sentimentos a respeito desse tema.
6. Releia para os alunos a conversa de Sulamy com o pajé no final da página 39. Destaque o trecho abaixo e faça a pergunta a seguir:

— Pois eu lhe garanto que nada de mau lhe acontecerá; onde quer que você esteja, lá estaremos, ao lado de seus ancestrais. Sulamy, nunca se esqueça de minhas palavras: o que é bom sempre caminha ao nosso lado. (p. 39)

- Sulamy iria viajar para São Paulo, que ficava a muitos quilômetros da aldeia dela. De que maneira os ancestrais a acompanharão?

Abra espaço para que os alunos relatem visões espiritualistas e a relação que têm com o mundo não material, não visível. Peça a eles que comparem a relação que estabelecem com os seus ancestrais com a que Sulamy estabelece com os dela. Pergunte: “Há diferenças entre a visão de mundo dos potiguaras em relação à presença dos ancestrais e a sua? Quais são essas diferenças?”.

7. Por último, peça que interpretem a frase: “O que é bom sempre caminha ao nosso lado”. Pergunte: “Como vocês interpretam essa frase? O que ela significa? Vocês concordam com isso? Também acham que o que é bom sempre está ao nosso lado?”.
8. Releia a primeira frase da página 49: “Como é que uma decisão se forma dentro da gente?”. Pergunte aos alunos:
- “De que decisão Sulamy estava falando?”
 - “Como essa decisão se formou dentro dela?”

Caso não percebam de imediato, releia a página toda e ajude-os a descobrir que ela fala sobre a decisão de ir a São Paulo divulgar a cultura de seu povo, e que a resolução foi se firmando por meio de sonhos – Sulamy começou a sonhar com Albino, ser que vive preso entre o mundo dos mortos e o dos vivos, eternamente sem descanso.

9. Em seguida, pergunte:

- "Você já tomou alguma decisão importante? Qual?"
- "Já participou de uma decisão importante? Como tomou ou como as pessoas a seu redor tomaram essa decisão?"
- "Acredita que ela foi tomada por impulso ou após muita reflexão?"
- "Como essa decisão foi se formando dentro de você ou de seus conhecidos?"

Deixe espaço para que eles conversem sobre as decisões que tomaram e sobre aquelas das quais participaram, como mudança de cidade, divórcio dos pais, etc. Ajude-os a perceber que há situações em que não há certo ou errado, mas em que precisamos escolher um caminho a seguir.

Linguagem

1. Releia o início do livro para os alunos (p. 7). Pergunte: "O que é 'moringa'? E o que é 'beiju'?". Caso desconheçam essas palavras, peça que, pelo contexto, façam inferências a respeito de seus significados. Leve-os a perceber que moringa só poderia ser um objeto e beiju teria grande chance de ser um alimento. Em seguida, peça que procurem as palavras no dicionário e mostre a eles imagens que ilustrem uma moringa e alguns beijus.
2. Releia a frase da página 8: "Na língua tupi *cunhana taigã* quer dizer 'moça brilhante'". Questione se conhecem outras palavras e expressões de origem indígena e o que significam. Proponha uma pesquisa a respeito do tema.
3. Na última página (p. 59), Sulamy diz: "Escrever estas páginas é como permitir que a árvore que foi plantada dentro de mim floresça". Releia essa frase para os alunos e pergunte:
 - "Como vocês interpretam essa frase? Que árvore é essa plantada dentro de Sulamy? Quem a plantou? Por que escrever o livro fez a árvore florescer?"

Mostre a eles que a autora fez uma comparação poética. Peça que façam esse exercício: elaborem comparações não objetivas, conotativas, fazendo associações com imagens. Proponha frases como estas: "Amar para mim é como...", "Ler este livro para mim foi como...", "Perder alguém é como..."

Bate-papo e pesquisa

1. Sulamy fez um relato sobre o beiju, doce indígena feito com mandioca. Ela também contou que, enquanto os beijus estavam no forno, a avó lhe contava histórias. Releia as páginas 23 e 24 com a turma e pergunte:
 - "Vocês já comeram 'beiju'? De que alimento se lembraram quando leram o relato de Sulamy?"
 - "Como são preparados os alimentos na família de vocês? Quem os prepara?"

- “Há conversas no momento de preparação dos alimentos? Sobre o que as pessoas falam?”
 - “Vocês sabem cozinhar? Ajudam seus familiares a fazer o café da manhã, o almoço ou o jantar?”
2. Em seguida, proponha uma pesquisa sobre a memória dos pais e responsáveis a respeito dos alimentos que costumavam comer na infância. Peça aos alunos que leiam para os parentes o trecho sobre os beijus (23 e 24) e perguntem a eles se poderiam contar suas memórias de infância a respeito dos alimentos: como eram preparados, quem os fazia, como eram consumidos, que sabores tinham, etc.
 3. Em um segundo momento, você pode promover uma pesquisa em livros, revistas e *sites* sobre as diferentes culinárias de nosso país. Nesse momento, você pode propor uma pesquisa a respeito das comidas de origem indígena ou mesmo da mandioca, como relatou Sulamy.
 4. Se possível, você e os alunos podem cozinhar juntos na escola. Seria interessante fazer com os alunos um beiju ou outro alimento sobre o qual tenham pesquisado ou conversado.

Produção de texto

1. Sugira aos alunos a produção de um relato de experiência a respeito da alimentação em sua família a partir da pesquisa feita na seção anterior. O texto deve apresentar: quem produz os alimentos, como são feitos, onde, como a pessoa que os prepara aprendeu a cozinhar, onde eles são consumidos (na cozinha, na sala, conversando, vendo TV, no quarto, etc.).
2. Peça que planejem a produção, apontando: o que vão relatar, como vão organizar os fatos, o que vão abordar primeiro, como seguirão o relato, como vão finalizá-lo, etc.
3. Peça que formem duplas. A tarefa de cada um será ler o planejamento do texto do colega, fazendo sugestões e comentários orais. A próxima etapa será a produção do relato.
4. Acompanhe a produção dos relatos, circulando pelas carteiras e esclarecendo as dúvidas dos alunos.
5. Após a produção dos relatos, leia-os procurando fazer apontamentos específicos, de acordo com as habilidades em desenvolvimento de cada criança. Aponte as qualidades do texto e os principais problemas. Se houver muitos problemas, escolha um ou dois como exemplos e sugira maneiras de os alunos melhorarem os próprios relatos.
6. A partir dos apontamentos que você fez, cada aluno deve reler o próprio relato e procurar resolver os problemas apontados. Peça que reescrevam o relato e o entreguem junto com a primeira versão do texto e com o planejamento. Valorize todas as etapas da construção do texto: planejamento, produção, revisão e reescrita.

Fazendo arte

1. Fernando Vilela utilizou a técnica da xilogravura para ilustrar o livro. Após observarem com atenção cada uma das ilustrações da obra **Meu lugar no mundo** – em especial as das páginas 8 e 9, 18 e 19, 39, 42 e 43 – , proponha, em sala de aula, a produção de xilogravuras que dialoguem com o trabalho sobre culinária e memórias.
2. Peça aos alunos que criem uma ilustração com xilogravuras para o relato que produziram. Você pode solicitar a colaboração do professor de Arte para esta atividade.
3. Folhas de madeira e MDF podem ser utilizadas para produzir as gravuras. Peça para os alunos fazerem alguns desenhos na folha de madeira e, com a ajuda do professor de Arte, vá esculpindo as formas e deixando em alto-relevo as partes que desejem marcar na folha de papel. Passem tinta apenas onde não há reentrâncias no MDF e presem a placa em folhas de papel. Caso não seja possível o acesso a esses materiais, vocês podem, com a ajuda dos alunos, utilizar isopor em vez de MDF.

Para saber mais

Para conhecer mais sobre os povos indígenas do Brasil, acesse: <<http://pib.socioambiental.org/pt>>.

Na página disponível em: <<http://videonasaldeias.org.br/2009/>>, você pode encontrar diversos vídeos de cineastas indígenas, incluindo amplo material para crianças e jovens.

No *site* disponível em: <<http://www.programadeindio.org>>, há um acervo de duzentos programas de rádio realizados entre 1985 e 1991 pelo Núcleo de Cultura Indígena, além do acervo do “Aldeias Sonoras”, série radiofônica com programas de 10 minutos de duração em que os povos indígenas apresentam sua voz, pensamento, história e músicas.

Acesso em: 24 abr. 2018.

Mural

1. Proponha a produção de um mural para expor as diferentes pesquisas e descobertas da turma: como é viver em uma comunidade indígena, como vivem os nativos Potiguaras, quais desafios ainda hoje são enfrentados pelas populações indígenas, o que comunidades indígenas têm a ensinar às demais comunidades, que alimentos têm origem indígena, etc.
2. Seria interessante elaborarem juntos um grande mapa com a localização de alguns povos indígenas no território nacional, baseados em pesquisa no *site* do Instituto Socioambiental para crianças. Disponível em: <www.socioambiental.org/pt-br/tags/criancas>. Acesso em: 8 maio 2018. Sugira a utilização de diferentes materiais e texturas para compor este “mapa-mural”. Nesta atividade,

podem estar envolvidas outras pesquisas em diversas áreas do conhecimento, como Linguagens (Língua Portuguesa e Arte), Ciências Humanas (História e Geografia) e Ciências da Natureza (Ciências).

Leia também

Coisas de índio, de Daniel Munduruku. Editora Callis, 2003.

Tempo de Aldeia, de Edith Lacerda. Escrita Fina, 2014.

Estrela Kaingang: a lenda do primeiro pajé, de Vrang Kaingang. Biruta, 2017.

Referências bibliográficas

ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

COELHO, N. N. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

ZILBERMAN, R. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1987.